



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17809 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT15 - Educação Especial

LETRAMENTO VISUAL AOS ESTUDANTES SURDOS NA AQUISIÇÃO DA LIBRAS E DA LÍNGUA PORTUGUESA ESCRITA

Simone Pereira Pinheiro - UFMA- PPGEEB – UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Jaqueline de Jesus Luz Rodrigues - UFMA- PPGEEB – UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Geysa Rodrigues Costa - UFMA - Universidade Federal do Maranhão

LETRAMENTO VISUAL AOS ESTUDANTES SURDOS NA AQUISIÇÃO DA LIBRAS E DA LÍNGUA PORTUGUESA ESCRITA

1 INTRODUÇÃO

A linguagem está em todo lugar, seja na música, nas interações com os animais, na fotografia, na carta, no gesto, na televisão, nas línguas orais e nas línguas de sinais. Por isso é a capacidade que o ser humano produz, desenvolve e manifesta.

Muitos estudantes surdos, seja em qualquer faixa etária ou nível de ensino, chegam à escola em diferentes etapas de comunicação, um com sinais caseiros, outros com gestos naturais que podem ser estudados, alguns aprenderam um pouco de Língua Brasileira de Sinais (Libras), porém tais aprendizagem não chegam a ser suficiente para o ensino contextual do conteúdo disciplinar (Cuxac, 2000). Assim, muitos estudantes surdos não têm uma língua estruturada como esperado quando matriculado na escola.

É importante ressaltar que o ensino de aprendizagem da Libras, de instrução, e da Língua Portuguesa, de modalidade escrita, são essenciais para os estudantes surdos, orientando-os na autonomia em expressar, dialogar, redigir texto e reconhecer a interpretação da escrita e da sinalização.

Em salas regulares do ensino comum, muitos estudantes surdos, com faixa etária variável, matriculados, sem a aquisição das duas línguas, a Língua Brasileira de Sinais, como primeira língua e a Língua Portuguesa, como segunda língua, devido à dificuldade de compreensão dos conteúdos das disciplinas escolares, mesmo com a presença de um professor regente, um intérprete de Libras, inclusive, também, a interação de comunicação no ambiente escolar e na vida social. Causando, isolamento e desistência nos estudos.

Assim, a língua de instrução e de ensino do português como segunda língua, a língua de comunicação e interação, em sala de aula, na escola, na educação bilíngue de surdos, é a Libras. Este princípio precisa ser respeitado, conforme aponta Silva da Cruz et al. (2021).

Há uma grande privação da língua, a Libras, do estudante surdo ao ser matriculado em uma escola, em qualquer escolaridade, a despeito disso, gerando ensino tardio, no entanto, é necessário reverter este quadro para o desenvolvimento da aprendizagem da língua nas escolas, solucionando as práticas metodológicas de ensino da alfabetização e do letramento.

Assim, este estudo tem como objetivo apresentar as práticas metodológicas e estratégias utilizadas no processo de ensino bilíngue de um estudante surdo, para o desenvolvimento de suas habilidades em Libras como língua de referência e em Língua Portuguesa escrita como língua majoritária. Além disso, o estudo visa compartilhar a experiência prática de uma professora surda com outros educadores da área, para aprimorar a compreensão e as abordagens didáticas no ensino de línguas para estudantes surdos.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LIBRAS E DA LÍNGUA PORTUGUESA

Crianças surdas filhas de pais ouvintes frequentemente enfrentam dificuldades na aquisição da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Muitas vezes, chegam à escola sem acesso prévio à sua língua materna, a Libras, e à Língua Portuguesa como língua adicional, o que acarreta complicações nas disciplinas curriculares. A falta de uso da língua de sinais pelos pais resulta em uma comunicação limitada, prejudicando a formação da identidade e a inserção na cultura surda, além de reduzir a interação com outros surdos. Isso pode levar ao uso de sinais caseiros ou gestos naturais no ambiente familiar, mas, ainda assim, a comunicação e a compreensão serão limitadas tanto no ambiente familiar quanto no escolar. Como consequência, a aquisição da língua de referência ocorre tardiamente, afetando o desenvolvimento educacional dessas crianças. Nas

palavras de Fernandes (2006, p.08):

Situa-se um grande paradoxo na educação linguística dos surdos na atualidade: chegam à escola sem língua materna, são obrigados a aprender uma "segunda língua" que possui uma natureza ambígua: é, ao mesmo tempo, objeto de conhecimento e elemento mediador no processo dos demais conteúdos escolares pelos surdos.

Crianças surdas, filhas de pais surdos, tendem a ter maiores oportunidades de aprendizado na aquisição da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e da Língua Portuguesa. Elas chegam à escola já familiarizadas com sua língua materna, a Libras, e com a Língua Portuguesa como língua adicional, o que favorece um bom desempenho nas disciplinas curriculares. Isso ocorre porque, no ambiente familiar, há uma comunicação eficaz por meio da língua de sinais, fortalecendo a identidade e a cultura surda. Como resultado, essas crianças têm uma melhor compreensão da comunicação e da interação, o que se reflete positivamente no aprendizado escolar.

Para Karnopp (2004, p.81):

[...] Uma criança surda que nasce em um ambiente onde os pais utilizam a língua de sinais adquirirá tal língua da mesma forma que as crianças ouvintes adquirem uma língua oral. Assim, as crianças surdas adquirem a língua de sinais que está à sua volta sem nenhuma instrução especial. Elas começam a produzir sinais, mais ou menos na mesma idade em que as crianças ouvintes começam a falar, e atravessam os mesmos estágios de desenvolvimento linguístico das línguas naturais (Karnopp, 2004, p.81).

A criança surda adquire a linguagem de forma visual e espacial. O processo de aquisição, comunicação e interação ocorre de maneira natural quando os pais são surdos ou, no caso de pais ouvintes, são fluentes na língua de sinais. Isso facilita o desenvolvimento linguístico e social da criança. Como citado por Karnopp (2004,p.81):

Considerando os aspectos universais das línguas humanas, conforme mencionado anteriormente, é natural que surdos, filhos de surdos, expostos à língua de sinais desde o nascimento, apresentam um paralelo em relação aos estágios de aquisição das línguas orais. Crianças surdas inicialmente balbuciam com as mãos, começam então a produzir enunciados com um único sinal (semelhante aos enunciados de uma palavra que ocorrem nas línguas orais), enunciados de dois sinais e, em seguida, combinam sinais, formando sentenças simples. (Karnopp, 2004, p.81).

É comum que uma criança surda, ao iniciar a comunicação, utilize um ou dois repertórios lexicais e produza frases desestruturadas, pois está em seus primeiros contatos com a língua. Também é natural que ocorram erros nas configurações das mãos. No entanto, é dessa forma que se dá o início do processo de aquisição da língua.

Stokoe cita que a fala e a sinalização, assim como as línguas, dependem do cérebro humano, ou seja, em que acontece todo o processo da aquisição de uma língua, todavia, é recorrente, o retardo da aquisição em sujeitos surdos em qualquer faixa etária. De acordo, com Sussuarana (2021,p.16):

Temos ainda a abrangência do conceito do termo “fala”. Hoje o conceito do verbo falar, não está limitada apenas a oralidade. Segundo o pesquisador Stokoe, falar é um processo que se inicia nos olhos e ouvidos apreendendo e processando as informações, depois faz-se o cruzamento com as vivências, as experiências de vida internalizadas. As intersubjetividades, leituras do mundo, entra em ação todo o significado simbólico e as subjetividades. Por fim, é que se fala: o ouvinte por meio da boca e o surdo por meio das mãos. Falar é a fase final de um processo anterior. Por isso o autor destaca que, as línguas dependem do cérebro humano, não do ouvido humano (Skliar,1997).

A surdez possui duas características, a pré lingual e a pós lingual, as fases que ocorrem o processo da aquisição da língua no sujeito surdo. É recorrente, observar que a criança surda a chegar à escola com retardo na aquisição ou antes de iniciar os estudos escolar. Conforme, Sussuarana (2021, p. 17), explica:

A surdez se caracteriza basicamente em congênita e adquirida. A congênita é quando a pessoa já nasce surda. Nesse caso a surdez é pré lingual. Diz-se pré-lingual porque a pessoa não teve acesso a língua oral ao nascer, já a adquirida, é quando a pessoa perde a audição no decorrer da sua vida, nesse caso a surdez pode ser “pré ou pós lingual”. A pessoa pode ter tido acesso a língua ou não, dependendo da idade do acometimento da surdez (Sussuarana,2021, p. 17).

É recorrente, observar, o despreparo dos professores no ensino bilingue a estudantes surdos, que gera, entretanto, a carência da metodologia na forma do ensino, acarretando a regressão do desenvolvimento do português escrito. Assinala,Fenandes;Pereira,Ribeiro (2024,p.13),

A constatação de haver, por um lado, pessoas surdas que alcançam bom desempenho na compreensão e no uso da língua portuguesa escrita e, por outro, ouvintes que apresenta dificuldades nessas habilidades é prova de que as dificuldades dos surdos não decorrem da surdez, mas da forma como o português escrito tem sido ensinado (Fernandes; Pereira; Ribeiro,2024, p.13).

A diferença do ensinar, a uma criança ouvinte e a uma criança surda é a oralidade e a visualidade, mas desde que o professor esteja preparado didaticamente em ensinar como cita o pesquisador Capovilla. De certa forma, a criança surda, apreende o português escrito, de forma visual, todavia, é essencial, conceituar significado com recursos didáticos visuais. De acordo com Fernandes; Pereira; Ribeiro (2024),

A escrita constitui, entre outras funções, um sistema de representação cujo princípio organizador seria o de sistematizar as propriedades da língua oral. Para as crianças ouvintes, que aprendem o português como língua materna, se comunicam, pensam e aprendem por meio da fala, há relativa facilidade em aprender a ler e a escrever a escrita alfabética, já que as hipóteses criadas sobre a escrita têm referências nas formas faladas da língua. Já para as crianças surdas, a reflexão sobre a escrita deve tomar outro rumo, desvinculada das habilidades relativas à consciência fonológica (Capovilla, 1999).

3. METODOLOGIA

A pesquisa é de abordagem qualitativa do tipo estudo de caso. O estudo de caso é caracterizado por sua abordagem aprofundada sobre uma unidade específica, seja um indivíduo, um ambiente ou uma situação particular (Godoy, 1995). Essa metodologia permite a análise do processo de letramento em um contexto educacional especializado, proporcionando a compreensão das práticas pedagógicas e das dinâmicas envolvidas no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita do estudante surdo.

Realizou-se também uma pesquisa bibliográfica para a análise de materiais já publicados sobre o letramento de crianças surdas. Foram consultadas as obras de Shirley Vilhalva (2023) e Faria do Nascimento (2021), que oferecem uma visão detalhada sobre o processo de letramento e as práticas pedagógicas associadas à educação de surdos.

A pesquisa foi conduzida na UEB Monteiro Lobato, no município de Paço do Lumiar, com um estudante surdo de 11 anos, em uma sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), no turno matutino, em março do ano de 2023. O aluno se comunicava razoavelmente com sinais caseiros, tanto com a família quanto no ambiente escolar, mas não demonstrava domínio da Libras nem da escrita em língua portuguesa. A equipe pedagógica envolvida no estudo incluía uma professora surda e uma professora de AEE.

A coleta de dados foi realizada por meio de observação direta das interações e atividades durante as sessões de ensino. Diversos materiais didáticos foram utilizados para facilitar o processo de ensino-aprendizagem. Entre os materiais empregados estavam cartões plastificados com imagens de frutas coloridas, além do alfabeto datilológico da Libras e da língua portuguesa, todos dispostos de forma visível para promover a sinalização e a associação visual.

2.3 RESULTADOS E DISCUSSOES DE PESQUISAS

Durante a pesquisa, observou-se a interação entre a professora surda e a professora de Atendimento Educacional Especializado (AEE) durante o atendimento com o estudante surdo. A professora do AEE utilizava sinais para representar imagens, enquanto o estudante respondia com sinais caseiros ou, ocasionalmente, com sinais corretos da Libras. Um exemplo foi o sinal para "banana", que o aluno conhecia e utilizava corretamente.

A professora surda buscava promover conversas sinalizadas. Uma das estratégias utilizadas envolveu a apresentação de fotografias das professoras e do próprio estudante, exibidas em um mural, que o estudante aprendesse os sinais associados às pessoas através de uma abordagem visual. No entanto, o estudante ainda tinha dificuldades em identificar e memorizar os sinais, tanto o seu próprio quanto os das professoras. Ele frequentemente confundia os sinais e o alfabeto datilológico, o que indicava uma falta de familiaridade com a datilologia.

A professora do AEE nos relatou que o estudante surdo, ao ser matriculado na escola, não possuía uma língua estabelecida e não tinha outros pares surdos para interagir. A ausência de interação com outras crianças surdas limitava seu contato com a Língua Brasileira de Sinais (Libras), sendo o contato principal apenas com a professora surda e a comunicação por sinais caseiros utilizados com a família não ouvinte.

Ao utilizar cartões ilustrativos com imagens de frutas, o estudante conseguia compreender a comunicação visualmente, mas não dominava os sinais da Libras associados às frutas, exceto pelo sinal da banana. Apesar disso, ele começou a reconhecer os sinais das frutas sempre que os cartões eram apresentados pela professora. O aluno ainda lutava para memorizar rapidamente os sinais das professoras e o seu próprio sinal. Contudo, ele conseguiu aprender a datilologia de seu primeiro nome e sinaliza o verbo PODER-NÃO quando deseja expressar algo durante a comunicação em Libras com a professora surda. Esse processo de aprendizagem demonstra a ocorrência da "interlíngua", um conceito descrito por

Silva da Cruz et al. (2021), que se refere a uma fase transitória na aquisição de uma nova língua, onde o aprendiz desenvolve um sistema linguístico interino que pode influenciar tanto o aprendizado quanto a produção na língua-alvo.

Interlíngua é a produção linguística do indivíduo enquanto aprende ou adquire uma língua adicional, no caso, em estudo, dos aprendizes surdos enquanto aprendem o português escrito. As produções escritas inicialmente podem carregar a estrutura da língua de sinais com o léxico do português, mas à medida que vão aprofundando seus conhecimentos na segunda língua, os textos escritos por estudantes surdos vão se aproximando mais da estrutura do português formal. (Silva da Cruz et al.,2021, p.38).

Observou-se que, em relação à interlíngua, o estudante progrediu no aprendizado da língua de ensino, de instrução, e de comunicação. A abordagem pedagógica adotada foi predominantemente visual, permitindo que o estudante aprendesse e interagisse por meio da experiência visual. Verificou-se que, durante o processo de ensino, não basta apenas transmitir o conhecimento; mas utilizar a conversação em Libras para que o estudante surdo pudesse se identificar como tal, reconhecer os sinais e começar a sinalizar. Diante disso, entendemos que, compreender a singularidade do estudante surdo, é fundamental para atender às suas necessidades e ensinar de maneira adequada e didática; bem como, compreender também que o acesso à sua língua de referência é fundamental para o desenvolvimento eficaz das suas habilidades linguísticas e comunicativas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na maioria dos casos, o estudante surdo, ao ser matriculado em uma escola, chega sem a sua primeira língua, a Língua Brasileira de Sinais (Libras), sem uma identidade estabelecida e sem compreender plenamente o que acontece ao seu redor. Por isso, o ensino vai além da simples transmissão de conhecimento; é necessário compreender a singularidade de cada aluno. Assim, é necessário que todos os professores de salas bilíngues, salas regulares e Atendimento Educacional Especializado (AEE) possuam formação pedagógica na área da surdez, com conhecimento da língua de sinais, da identidade, da cultura e, principalmente, do ensino bilíngue. Tais conhecimentos são importantes para fornecer um ensino de letramento adequado, especialmente para crianças surdas que enfrentam a privação de uma língua. A abordagem deve ser visual, uma vez que os estudantes surdos percebem o mundo de forma visual e espacial.

Ao ser matriculado em uma escola, o estudante surdo frequentemente chega com a privação de sua língua, uma vez que seus pais não são surdos e não utilizam a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Isso resulta em atraso tanto no

desenvolvimento da língua quanto nas disciplinas escolares, e muitos alunos acabam concluindo os estudos sem o conhecimento adequado e sem uma língua de referência. A escola deve buscar oferecer um ensino curricular adequado para atender a essas necessidades, mas, infelizmente, essa realidade ainda não é a prática comum na maioria das escolas brasileiras.

Assim, o estudante surdo terá a oportunidade de passar por todo o processo de aprendizagem da sua língua de referência, a Libras, ao mesmo tempo em que adquire a Língua Portuguesa escrita e o conhecimento das disciplinas escolares; além de melhorar a comunicação e interação, tanto com seus pares surdos quanto com o ambiente escolar, além de contribuir para sua formação como cidadão. É fundamental, portanto, que a instrução comece pela primeira língua dos estudantes surdos, abrangendo também aspectos linguísticos e identitários.

REFERÊNCIAS

CUXAC, Christian. La Langue des Signes Française: Les Voies de l'Iconicité. Paris: Ophrys. 2000.

FERNANDES, Sueli. Letramentos na Educação Bilíngue para Surdos: Caminhos para a Prática Pedagógica. Disponível em: https://www.cultura-sorda.org/wp-content/uploads/2015/03/Fernandes_praticas_letramentos-surdos_2006.pdf. Acesso em: 16 junho 2023.

FERNANDES, Sueli; PEREIRA, Maria Cristina da Cunha; RIBEIRO, Maria Clara Maciel de Araujo. Português Escrito para Surdos: princípios e reflexões para o ensino. 1.ed. São Paulo. Parábola, 2024. p. 13.

_____. Português Escrito para Surdos: princípios e reflexões para o ensino. 1. ed. São Paulo. Parábola, 2024. p. 17.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29, Mai./Jun. 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 20 de agosto de 2024.

KARNOPP, Lodenir Becker. Aquisição da linguagem por crianças surdas - investigações sobre o léxico. Revista Unisinos. 02 N. 01. jan/jun. 2004(27-05-2021). Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/6485>. Acesso em: 10 maio. 2023.

SILVA DA CRUZ, et al. DISPERS. SEESP. MEC. Proposta Curricular para Ensino de Português Escrito como Segunda Língua para Estudantes Surdos da Educação

Básica e do Ensino Superior: Caderno V-Ensino Superior.1. ed. Brasília,2021.

SUSSUARANA, Núbia L.S. Essa é a nossa língua!um estudo da Libras .Porto Velho:Temática Editora,2021.p.17.

_____. Essa é a nossa língua! um estudo da Libras. Porto Velho: Temática Editora,2021. p.17.

VILHALVA, Shirley. Caminho Inclusivo 3. Alunos surdos e/ ou com deficiência auditiva incluídos em classes regulares: singularidades e desafios para o ensino remoto. Curso de Extensão.UFMS. 2023.Disponível em: <https://ava.ufms.br/mod/folder/view.php?id=635110>. Acesso em 10 de maio de 2023.